

Raquel Aparecida
Pereira

Uma bandeira socialista em Minas Gerais

A imprensa socialista do século XIX teve no jornal ouro-pretano *O Socialista* um representante típico das publicações do período em que as várias correntes emancipatórias proclamavam, ao lado da crítica social, um ideário moral que compreendia a necessidade de se praticar a solidariedade, o amor e contribuir para a dignidade do ser humano.

Recordação

D'aquelle tempo de venturas cheio,
Tempo de amor de encanto e de alegria,
D'aquelle tempo, Ismenia, de poesia,
Tempo que a vida festejar nos veio,

(Ah! nem é bom fallar! Eu já chorei-o
É choro, dia e noite, noite e dia!...)
A saudade que tenho, é tão sombria,
Como é sombrio de abysmo o seio

As luas uma a uma vão-se embora,
Hontem morreu um sol, outro hoje, e a aurora
Promette-lôra o tempo não resiste...

No entanto te esperando, eu delirante,
No extremo do caminho a cada instant',
O olhar embebo immensamente triste!...

EDUARDO LIMA.

Ouro Preto—94.

Rua immensamente frequentada, não só por pessoas que do Alto da Cruz e Padre Faria se dirigem para a cidade como também pelo enorme transitio de tropas, carros e carroças que dão sua entrada no mercado da capital, era necessario que se cuidasse activamente do seu calçamento, para a utilidade publica.

Oxalá não fraqueie o digno Agente executivo e a municipalidade, porque só assim dotar-se-á Ouro Preto de um dos mais vantajosos melhoramentos, não só para seu embelezamento, como também para facilidade de seu commercio.

AMONELLI

EXPEDIENTE

Até que o nosso periodico possa sair mais vezes por mez, será bimensal.

ASSIGNATURAS:
Capital, anno 5\$000
" 6 mezes 3\$000
Fóra, anno 6\$000
" 6 mezes 3\$500
Pagamento adiantado

Será considerado assignante todo aquelle que nao devolver o primeiro numero recebido.

Os originaes, uma vez entregues, nao se resituirão.

Todas a correspondencia d'essa folha deverá ser dirigida ao seu Redactor-chefe, a rua do Conselheiro Quintiliano, antiga das Lages, n.º 28.

Encerrou-se a 24 de Julho o Congresso Estadual.

Ao encerrar suas sessões, ainda quiz dar uma prova de seu grande patriotismo, nomeando uma commissão para indicar candidatos ao electorado mineiro depois de dividir o Estado em 6 circumscripções electorales!!!.. E' muito patriotismo tutelar o povo querendo implantar a olygarchia no seio d'elle!!..

Ha dias, um individuo por nome Theophilo Paranhos, empregado na Imprensa Official do Estado, estando em passeio com um menor, atirára n'elle; julgando gaudir havel-o morto, virara a arma contra si, atirando na cabeça.

O infeliz immediatamente succumbiu.

O movel do suicidio ignora-se qual seja, mas o infeliz ha muito fallava que havia de suicidar-se, dizendo que talvez desse execução a seus planos no proprio recinto da Imprensa Official do Estado.

O honrado Presidente e Agente executivo de nossa municipalidade, procura activar o calçamento da Rua do Conselheiro Quintiliano, antiga das Lages.

> Apesar dos profícuos estudos produzidos sobre a imprensa do século XIX no Brasil, observa-se a ausência de pesquisas mais aprofundadas sobre a imprensa socialista. Os trabalhos desenvolvidos concentram-se, especialmente, em análises de veículos jornalísticos do Rio de Janeiro e de São Paulo, desconsiderando o impacto das especificidades e das características locais na disseminação de publicações desse caráter, no período, em outras províncias como Minas Gerais. Certamente, as dificuldades para a consulta aos exemplares originais e a descontinuidade das coleções de periódicos contribuíram para essa lacuna. Em muitos casos, por não se tratarem de organismos oficiais de informação, o seu arquivamento e/ou guarda foram definidos em conformidade com os interesses de colecionadores e de correspondentes das instituições oficiais de preservação da memória.

No estudo dessas questões, é preciso ter em conta que a divulgação das ideias socialistas no Brasil remonta à década de 1840. É nesse período, inclusive, que ocorre a implantação do Falanstério de Saí (baía da Babitonga – São Francisco do Sul/SC), colônia de imigrantes franceses inspirada nas ideias de Charles Fourier. Sob forte influência dos imigrantes, em especial franceses e italianos, a imprensa socialista deu seus primeiros passos e foi responsável pela divulgação de um socialismo intelectual de base filantrópica. Como referência para sua história, apontamos a publicação, em 1845, do jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* (de propriedade de Manuel Gaspar de Siqueira Rego), editado até 1847. Vale destacar, ainda, que essa imprensa de caráter socialista não se restringiu à capital, espalhando-se por outras províncias, como é o caso da publicação da revista *O Progresso*, lançada em 1846, em Recife, e, ao que se sabe, publicada até 1848. Isso sem mencionarmos as publicações em língua estrangeira promovidas e difundidas pelos imigrantes.

Publicado originalmente na *Revista de Estudos Sociais*, órgão ligado ao Partido Comunista Brasileiro, em fevereiro de 1964, o levantamento produzido por Evaldo da Silva Garcia é precioso para a história da imprensa operária e socialista brasileira no século XIX.¹ Apesar de considerar sua pesquisa preliminar e provisória, o autor catalogou 300 itens – entre panfletos, jornais, revistas, fascículos comemorativos etc. – existentes nas bibliotecas públicas brasileiras.

Nesse estudo, o autor optou por dividir o século XIX em dois períodos: no primeiro – que se inicia na década de 1840 e finaliza em 1889 com a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República –, identificou 146 publicações; e, no segundo – a partir de 1890 –, foram encontrados 154 periódicos. Contudo, as informações coletadas sobre os periódicos ainda são muito esparsas, para não dizer deficientes. Acreditamos que o fato de o autor ter levado em consideração, em muitos casos, apenas o título da publicação pode ter ocasionado equívocos na classificação de alguns jornais. Apesar disso, chama a atenção o fato de que na última década do século XIX ao menos 15 publicações novas – aparentemente destinadas ao questionamento da ordem social – surgiam a cada ano.

O jornalismo socialista, principalmente em razão da influência dos imigrantes, se apresentava como difusor de ideias revolucionárias próprias do ambiente europeu do século XIX e, que no Brasil, se juntavam às bandeiras do abolicionismo e do republicanismo.

A identificação de uma filiação doutrinária específica nas publicações socialistas do século XIX não é tarefa fácil. O que se observa é um conjunto de ideias inovadoras reunidas em um conceito de socialismo, não dispensando, obviamente, referências à imprensa e ao movimento operário europeu daquele momento.

Em 1845, foi apresentada a seguinte definição para o título do jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*:

O SOCIALISTA

Orgão do Centro Socialista Mineiro

REDACTOR CHEFE, ANTONIO NOGUEIRA D'ALMEIDA COELHO

SECRETARIO, JOAO LIBANO SOARES.

GERENTE, JOSE DINIZ MASCARENHAS

ANNO I

Ouro Preto, 13 de Agosto de 1894

N. 2

Amor e o respeito a dignidade humana.

O homem acha-se á frente das maravilhosas creações da natureza, occupando o seu logar na mais elevada escala animal, e nós só podemos fazer uma idéa assaz insignificante da sua existencia. Admiramos as constantes energias e as transcendentis perfeições das mais simples substancias organicas; podemos contemplar a tenaz planta transformada em gigantesca arvore pela magica potencia inhorente a uma cellula de proporções diminutas que a nossa imaginação mal pôde conceber-as; mas, quando reflectimos nas faculdades peculiares do homem, faculdades que fazem sahir o seu prodigioso ser de uma cellula não menos diminuta, a nossa admiração torna-se inexplicavel.

Si uma cousa deve ser considerada em proporção á quantidade de tempo e o muito cuidado empregado na sua producção, o homem, em proporção á grandeza de sua construcção e de seus fins, aos multiplos e gloriosos dotes que lhe são proprios não pôde ser nimiamente apreciada. Foi mister decorrerem myriades e myriades de seculos, para que as forças vitas se congregassem e desenvolvessem essa obra admiravel que por si só representa o conjunto da perfeição natural.

O homem é a natureza tendo consciencia de si mesma; é o supremo esforço da natureza para se comprehender e conhecer.

Quem não sente profundamente a grandeza da humanidade, não sente a da natureza na sua vasta expansão; porque o homem é a natureza encarnada. Soltemos as redeas á nossa imaginação no vacuo infinito das concepções sublimes: concebamos o mais extravagante ideal de perfeição; todas as nossas phantasias de sublimidade, jámais nos darão a menor idéa da grandeza de um ser humano, porque nelle se concentram todos as energias do universo.

Ao pensarmos na elevada posição do homem, e ao admirarmos os magestosos productos das suas faculdades: as constantes evoluções da sciencia; o aperfeiçoamento das artes; a maneira porque tem applicado aos seus fins as varias potencias da natureza; esperaríamos que o possuidor de tão sublimes faculdades tivesse o devido sentimento de sua propria dignidade; podesse se elevar acima das exigencias mais grosseiras dos seres inferiores e fruir uma vida muito mais nobre, mais livre e independente.

Mas, confrange-nos o coração, quando examinamos a condição actual da humanidade! Vemos que o rei do nosso planeta está condemnado a lutar contra os males mais aviltantes, que lhe tiram os mais puros sentimentos de amor e de dignidade que deveria sentir.

O amor e a dignidade são os bens mais nobres e preciosos que possui a humanidade. Uma sociedade que não esteja inspirada por esses ele-

vados sentimentos, está abalada nos seus principios basicos, e tende a cahir em completo desequilibrio.

É com profunda magoa que perscrutamos a vida das sociedades! Aquelles mesmos que deviam ser os guardas mais fieis da sua dignidade, amando e respeitando a dignidade de cada um dos seus membros, são os primeiros, uns imbuídos nos estupidos preconceitos de castas, outros pelo ridiculo orgulho de posição, a aviltantemente; já negando o amor e o respeito á dignidade individual; já procurando mesmo vilipendiaraquelles que, embora trabalhem para a manutenção social, commetteram o grand. crime de nascer da classe proletaria, ou como dizem outros, da baixa classe.

É dessa falta de amor pelos nossos semelhantes; é dessa falta de respeito á dignidade humana; que a vida transforma-se para a humanidade em verdadeiro pesadelo e o mundo em um profundo valle de lagrimas.

Todos os homens têm a mesma dignidade natural e o mesmo direito ao respeito, qualquer que seja a sua occupação na sociedade. É extraordinariamente pernicioso que só certas classes sejam respeitadas; porque é o proprio homem, e não a condição que lhe impoz o acaso do nascimento, que exige a nossa consideração: é a dignidade humana que é a dignidade de cada um, que reclama o mutuo respeito, que deve ser o laço da fraternidade universal.

O vocábulo – Socialista – sob cuja denominação sai hoje à luz a nossa folha, define exuberantemente o objeto principal com que ela é publicada: a conservação e o melhoramento do pouco de bom que existe entre nós: a extirpação de abusos e vícios provenientes da ignorância, falsa educação e imitação sem critério: a introdução de novidades no progresso universal: enfim, todo o aperfeiçoamento de que for suscetível a sociedade provincial, nacional, quer na parte moral, quer na material, em que naturalmente está dividida a vivenda humana no mundo terreno. Assim, pois *O Socialista* tratará de agronomia prática, economia social, didática jacotista,² política preventiva e medicina doméstica, e, sobretudo do socialismo, ciência novamente explorada, da qual basta dizer, que seu fim é ensinar aos homens a se amarem uns aos outros.³

Ainda carecemos de estudos mais aprofundados que identifiquem os vínculos, os intercâmbios, as continuidades e as descontinuidades entre as publicações existentes no período. A imprensa socialista e operária do século XIX, bem como do início do século XX, é marcada pela existência de publicações de curta duração e, por isso, com poucas edições. Entretanto, essa característica não diminui sua representatividade e sua importância na vida política do país; pelo contrário, observa-se que essa insistência em se publicar – mesmo que um único exemplar – é, por si só, motivo para uma avaliação criteriosa do alcance e do conteúdo desses periódicos.

O segundo número do jornal *O Socialista*, de Ouro Preto, publicado em 13 de agosto de 1894, hoje disponível para acesso na internet, graças ao Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro – SIA-APM, será objeto do presente estudo. Não foram localizados outros exemplares do periódico na coleção Jornais Mineiros, o que não indica que este seja o único exemplar do jornal existente.

Um levantamento realizado pelo pesquisador José Teixeira Neves Filho, entre 1957 e 1964, intitulado *Periódicos Mineiros na Biblioteca Nacional*,⁴ informa que o início da publicação do jornal se dera em 17 de julho de 1894. O pesquisador teria tido acesso ao primeiro número do jornal? Ao que parece, sim. Todavia, não foi possível comprovar essa hipótese, pois, em busca recente no catálogo daquela biblioteca, não encontramos qualquer remissão ao periódico em análise. Tendo em vista a data de realização do levantamento e as prováveis alterações na organização do acervo de periódicos da Biblioteca Nacional, restam-nos apenas indagações sobre a localização do primeiro número do jornal. Esperamos que a astúcia de novos pesquisadores possa trazer à tona respostas a esses questionamentos.

Socialismo na República

A ruptura do regime de governo e a implantação da República propiciaram a experimentação de novas possibilidades políticas e, nesse sentido, a experiência socialista não pode ser avaliada como simples capítulo da história do movimento operário. Na virada do século, o ideário socialista apresentava-se como voz dissonante numa estrutura oligárquica consolidada.

A organização formal de socialistas em grupos e associações se deu, segundo Lincoln Penna, a partir de 1878, quando se instalaram, em diferentes pontos do país, os clubes socialistas.⁵ Foi então que as associações se multiplicaram e surgiram órgãos de apoio com funções mais ampliadas. Contudo, foi somente na última década do século XIX que esses organismos alcançaram evidência no cenário nacional. É o caso do Centro Socialista de Santos – referendado por muitos autores como um dos mais importantes na história operária brasileira –, que existia desde 1889 sob o nome de Círculo Socialista e ganhou destaque, em 1895, com a publicação do jornal *A Questão Social*.

O SOCIALISTA

Enquanto não obedecermos a esse nobre e humano princípio; enquanto a dignidade humana não for respeitada como um direito natural ao homem; dignidade aviltada até perante a lei, seremos arrastados para um mar de misérias, de vícios e de completa degradação social.

Donde vem esse espirito de rigôr despojado para com os delinquentes; a maneira de considerá-los como monstros de crueldade ou de infâmia, sem levar em conta a obscuridade do seu espirito e as causas naturais do seu delicto? Nada tem aviltado mais o genero humano do que essa tyrannia social! De que serve humilhar um criminoso, enforca-lo, condemná-lo a trabalhos forçados, tratá-lo com escarneo e ignomínia? O crime é por isso reprimido? Esses sentimentos de crueldade para com os nossos irmãos não dão, porventura, alguma elevação moral? Não, mil vezes não. O effeito é inteiramente contrario.

Na ta petrifica mais o coração de um réo, do que as penas aviltantes. Provocam a sua obstinação para os maus hábitos, e inspiram-lhe vehemente desejo de vingança. Demais, esse odio, essa aversão do horror contra os culpados é demasiadamente pernicioso ao interesse social. Rebaixa o caracter do delinquento e o impede de fazer esforços para se emendar.

Quem não tem compaixão e ao mesmo tempo sympathia pelo criminoso, si considerar a sua vida com todas as circumstancias tormentosas e degradantes que a rodeiam: circumstancias que raro encontram os que nasceram no seio da riqueza? Nascedo no lamaçal do vicio; acatbrunhado por graves privações; educado geralmente por paes depravados, cuja vida, muita vez tem sido uma serie de crimes

e de vícios; espancado, desprezado pela sociedade que, longos de chama-lo para o seu convívio, só tem para elle o desdém, a tyrannia e o desprezo; e caso para se admirar que essa criança venha a ser um vagabundo, um proscrito social, cuja mão se levante contra todos, porque todas estão levantadas contra elle? Por certo que não.

A falta de amor pelos nossos semelhantes; a falta de respeito á dignidade humana não, no nosso modo de pensar, immanentes manchaes doque jerram as impetuosas correntes do vicio e do crime.

E, o mais evidente testemunho da nossa affirmacão, vamos encontrar nos os *Alerarés*, sublimnebra filha da ardente imaginação do sabio phylosopho, legítimo representante do mundo das letras no século XIX; cujo nome, Victor Hugo, devemos com respeito e admiração

João Valjean!! eis a synthese synthese de tudo quanto temos de mais sublime: amor e o respeito á dignidade humana. Eis o homem que concentrava em si os nobres e puros sentimentos das pedregras virtudes; eis o protector de Fantina; eis o caridoso e adoptivo paee de Cosette; eis o salvador de Fauchelevent; eis o philanthropico Maitre de Masurel; eis o heroe das barricadas da rua Plumet; eis o desceimico que salva Mario por entre o putrido lamaçal dos encauamentos de Paris; eis enfim, o homem das abnegações sublimes; transformado em reprobato, em monstro, em ladrão, em forçado das gales, por uma sociedade tyrannica e criminal. E esse facto tão significativo, filho da magica inspiração do grande phylosopho; e cuja reprodução o observador attento contempla a cada passo no seio das sociedades, parece uma maldição lançada contra

a tyrannia e o aviltamento social. Ob! cruel e injusta sociedade! Onde está o teu decoro, a tua dignidade?! Estão nullificados pelosteus os preconceitos! Não, ergamo-nos deste abatimento moral: prodigalisemoos o nosso amor ao próximo; respeitemos a sua dignidade; levemos o consolo a esses corações aviltados pelo desprezo social; transformemos as sombrias masmorras em salões illuminados por esse vivificante pharol, — a instrução —; e então teremos uma sociedade, digna do nosso ser, da nossa grandeza e da nossa perfeição.

Um pouco de Socialismo

A leitura dos artigos publicados no *L'Echo du Brésil* sobre a colonização no Brazil e o papel preponderante que lhe está reservado em um futuro próximo que não se imagina, nos suggeriu a idéa de procurar nas theorias dos autores mais notaveis, lo que a respeito do Socialismo, havia de realisavel neste bello paiz, no momento em que as grandes com norões sociais ameaçam derrocar as velhas instituições prestes a desaparecerem para dar logir a uma nova ordem assaz superior e compativel com as aspirações dos povos.

Este acontecimento, que consideramos como a realisação certa que nos reserva, talvez, este fim do século XIX, para muitas pessoas pertence ao dominio dos sonhos chimericos, ou antes, é julgado por ellas do modo o mais erroneo e menos comprehensivel.

Não podemos nos retrahir d'um certo sentimento de ironia, a confessarmos, quando pensamos que muitos capitalistas imaginam e acreditam ainda que o Socialismo consiste em pedir ao vizinho mais ou menos rico, a metade de seus bens para dar aquelles que nada possuem!

O nosso pequeno jornal *O Socialista*, de Ouro Preto, era um órgão do Centro Socialista Mineiro. Apesar de não localizarmos estudos específicos sobre a atuação dessa agremiação no Estado, a publicação de uma folha – que se propunha mensal – indicava que a organização política e formal dos socialistas já possuía seus alicerces na capital mineira.

O Socialista tinha como redator-chefe Antonio Nogueira d’Almeida Coelho. A assinatura semestral do jornal estava disponível por até 3\$500 (três mil e quinhentos reis) O jornal era pequeno – quatro páginas –, e o conteúdo, relativamente diversificado, incluindo desde artigos analíticos e poesias até notícias locais. Apesar de microfilmado e digitalizado, nosso exemplar sofreu as consequências do tempo e está bastante deteriorado, o que dificultou sua leitura. Foram os programas de melhoramento de imagens que nos auxiliaram na empreitada de compreender trechos bastante apagados nas páginas internas do jornal.

O seu aparecimento parece ter tido repercussão para além de Ouro Preto, provocando manifestações contrárias em outros jornais de Minas Gerais. Pelo menos é o que podemos depreender da coluna “Folhas Soltas” na última página d’*O Socialista*. Essa coluna é uma resposta do jornal aos comentários e/ou às críticas veiculadas, por ocasião de seu lançamento, em outros órgãos de imprensa, como o *Minas Gerais* e, especialmente, o *Queluz de Minas*, de Conselheiro Lafaiete.

Eis-nos novamente em campo, mas d’esta vez não tão noticiosos como da outra, porém em compensação mais *intrigantes* e intrigados.

E de facto, quem o não ficará, ao ver a maneira pela qual o *Minas Geraes* nos recebeu, tomado de pasmo e quasi que não sabendo expressar-se senão por meio de interrogação? (!!)

Mas não sentimos tanto a recepção que nos fez o *Minas Geraes*, porque este ainda conheceu os

limites da Imprensa livre e criteriosa e não quiz se inculcar conselheiro de quem não precisa de conselhos, como o nosso collega o *Queluz de Minas*. E em que se basearia o collega para se abalançar a tanta *ingenuidade*?!

Julgar-nos-á alguns imbecis que não saibamos a que bandeira nos filiamos e que ideias defendemos?

[...] Quanto ao conselho que, s.s. abalançou a dar-nos, julgamos responder à medida dos nossos desejos ao nosso collega com o antigo rifão; “muitas vezes o silêncio é de ouro” e que consequentemente valer lhe-ia mais calar-se a perder seu tempo em dar conselhos a quem d’elles não precisa e que peremptoriamente os regeita.

O destaque – um recurso tipográfico – das palavras “intrigantes” e “ingenuidade” realça a ironia do texto apresentado e a disposição dos autores para a defesa de seus ideais no espaço público. Essa postura de enfrentamento, uma espécie de desafio, servia como incentivo à continuidade da publicação.

Ao examinar rapidamente as publicações mineiras na virada do século XIX, observamos que a difusão do ideário socialista encontrou adeptos antes mesmo da implantação do Centro Socialista em Ouro Preto. Em Paraisópolis, cidade localizada na região sul do Estado e próxima à divisa com São Paulo, verificamos a publicação, sob o título de *O Socialista*,⁶ de um semanário entre os anos de 1885 e 1888, editado por Antonio F. Grillo.

Além de *O Socialista*, de Paraisópolis, com o subtítulo de “folha popular”, o Centro Socialista de Uberaba publicou, em 1897, outro periódico de nome *O Socialista*. Mais uma vez, ressaltamos a necessidade de aprofundarmos as pesquisas quanto às relações e aos pontos de contato estabelecidos entre as publicações socialistas e mesmo entre os organismos e associações. Essas folhas mantinham entre si algum

intercâmbio de ideias? Seus exemplares foram preservados até os dias de hoje? Houve reprodução de textos ou querelas parecidas como a já citada? São questionamentos que deixamos como sugestão para nossos colegas historiadores.

Ideário socialista

Assim como outras publicações de caráter socialista, observamos que o nosso exemplar também busca definir seus pressupostos ideológicos, ainda que um socialismo bastante abrangente. Para isso, o periódico retoma um artigo do *L’Echo du Brésil*, jornal francês publicado no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.

[...] nos suggeriu a idea de procurar nas theorias dos autores mais notáveis, do que a respeito do Socialismo haveria de realisavel neste belo paiz, no momento em que as grandes comoções sociaes ameaçam derrocar as velhas instituições prestes a desaparecerem para dar lugar a uma nova ordem assaz superior e compatível com as aspirações dos povos.

[...] muitos capitalistas imaginam e acreditam ainda que o Socialismo consiste em pedir ao visinho mais ou menos rico, a metade de seus bens para dar àquelles que nada possuem! Si pretendeis oppôr a estas falsas apreciações do espírito pusillanime e egoísta, a lógica do raciocínio e dos factos, responder-vos-ão: É muito balo! Não é possível! Ah! Vê-se bem que sois socialista! Visionário! Utopista! Eis as grandes palavras oucas! E é tudo!

[...] Quanto ao saber ou procurar indagar o que é verdadeiramente o Socialismo, pouco importa! [...] ler Consideránt, H. Renaud, Ch. Fourier? Oh! Quem são esses homens? Desconhecidos, loucos! Ah, sim! Porque é loucura, com effeito sonhar com a felicidade dos seus semelhantes em uma

sociedade tão egoísta como a nossa; é loucura trabalhar sem descanso para a futura transformação deste meio social gangrenado pela hypocrisia e pela falsa moral que lhe serve de mascara virtuosa [...]. [...] Dizeis vós, utopias? Então! Não! O que se designa por reivindicações sociaes não é uma utopia; há provas convincentes que só os cegos e os surdos por conveniencia recusam verificall-as.⁷

As práticas socialistas podiam ser encontradas, segundo o periódico, nas comunidades religiosas espalhadas pelo mundo e, quem diria, no próprio Exército, “tão admiravelmente disciplinado pelo Estado, que tudo negando pratica o socialismo por sua conta”. O “verdadeiro socialismo” apresentado pelo jornal estava associado à própria existência humana, presente nas atividades diárias e comuns, fazendo da política uma experiência coletiva relacionada ao cotidiano. A redação do texto é informal e provoca uma reflexão sobre o socialismo como opção possível, e não como utopia.

As bandeiras socialistas, com duras críticas ao regime excludente da República, contribuíram para introduzir, no cenário político, o debate acerca da ampliação do conceito de cidadania. A igualdade é entendida no seu sentido de reciprocidade. O nosso *O Socialista* advertia seus leitores:

[...] É dessa falta de amor pelos nossos semelhantes; é dessa falta de respeito à dignidade humana; que a vida transforma-se para a humanidade em verdadeiro pesadelo e o mundo em um profundo valle de lagrimas. Todos os homens têm a mesma dignidade natural e o mesmo direito ao respeito, qualquer que seja a sua occupação na sociedade.⁸

Os editores do jornal aspiravam à organização justa da sociedade, sem crimes nem pobreza, com todos

participando da produção e da fruição dos bens segundo suas capacidades e necessidades.

[...] De que serve humilhar um criminoso, enforca-lo, condenar-o a trabalhos forçados, tratá-lo com escarneo e ignomínia? O crime é por isso reprimido? Esses sentimentos de crueldade para com os nossos irmãos nos dão, porventura, alguma elevação moral? Não, mil vezes não. O efeito é inteiramente contrário.

Nada petrifica mais o coração de um réu do que as penas aviltantes. Provocam a sua obstinação para os maus hábitos e inspiram-lhe veemente desejo de vingança.

Demais, esse ódio, essa aversão de horror contra os culpados é demasiadamente pernicioso ao interesse social. Rebaixa o carácter do delinquente e o impede de fazer esforços para se emendar.⁹

Nessa perspectiva, os socialistas recusavam a crueldade e os maus-tratos e, admiradores da natureza humana, acreditavam numa ciência aplicada, aliada a uma filosofia do amor e da compreensão universal. Para tanto, seria preciso combater a ignorância, o grande obstáculo para a construção de uma nova sociedade. A educação exerceria um papel decisivo nesse processo, como instrumento de transformação moral do próprio homem. Reivindicava-se uma educação eficaz na emancipação do homem e voltada para a consciência do coletivo e para os sentidos de uma igualdade e fraternidade reais.

Oh! cruel e injusta sociedade! Onde está o teu decoro; a tua dignidade? Estão [solidificados] pelos teus vis preconceitos!! Não, ergamo-nos deste abatimento moral; prodigalisemos o nosso amor ao próximo; respeitemos a sua dignidade; levemos o consolo a esses corações aviltados pelo desprezo social; transformemos as sombrias masmorras em salões iluminados por esse vivifi-

cante pharol – a instrução –; e então teremos uma sociedade, digna do nosso ser, da nossa grandeza e da nossa perfeição.¹⁰

Com motivações ecléticas, mas voltado à questão social, o jornal expunha seus ideais. Além dos artigos analíticos, encontramos também o soneto “Recordação”, de Eduardo Lima, e outras notícias, como informações sobre o suicídio de um funcionário da Imprensa Oficial, reclamações quanto à necessidade de calçamento de ruas da cidade e críticas às decisões tomadas no encerramento do Congresso Estadual. Numa aparente contradição, nosso pequeno *O Socialista* felicitava os familiares e trazia a notícia do casamento da filha “do nosso particular amigo coronel Ignácio Magalhães, abastado capitalista”.

Repercussão

Apesar do intervalo de um mês entre o primeiro e o segundo número do *O Socialista*, o exemplar em análise já indicava dificuldades para manutenção dessa periodicidade: “Até que o nosso periódico possa sair mais vezes por mez, será bimensal”. As dificuldades financeiras para manutenção do jornal, a transferência iminente da capital mineira para Belo Horizonte, todas essas questões podem ter contribuído para que a publicação não alcançasse outros números nos meses que se seguiram.

Fato é que as aspirações socialistas encontraram, mesmo que por um breve instante, campo fértil no cenário político mineiro. Não se pode deixar de observar que, mesmo sob influência de concepções ideológicas europeias, não se verificou a simples reprodução dessas teorias, ao contrário, os socialistas buscaram adaptar aquele conteúdo à realidade local, principalmente na edição de jornais e outras publicações.

No que diz respeito à imprensa socialista em Minas, já observamos em outros momentos que ela não está restrita à pequena publicação sob nossa análise e que outros grupos políticos e seus periódicos devem ser valorados numa tentativa de interpretação mais precisa.

Não sabemos quanto tempo durou o jornal e quais foram suas influências na constituição de novas alternativas políticas no contexto republicano. Ao que tudo indica, como a maioria das folhas socialistas, sua existência foi efêmera. Contudo, encontramos vestígios de que a carreira do redator-chefe do nosso jornal não se encerrou nas páginas de *O Socialista*. Em 15 de agosto de 1906, assinava um artigo no jornal *O Trabalho*, de Patos de Minas, no qual podemos vislumbrar a permanência de visões peculiares ao socialismo defendido na publicação ouro-pretana.

Nestas colunas nunca tal permitimos, nem permitiríamos, pois compreendemos a imprensa como a luz serena e imperturbável que com seus raios tranqüilos nos apontam o caminho do bem, pois quer a LIBERDADE; da razão, pois quer a JUSTIÇA; do coração, pois quer a DIGNIDADE; do benefício de todos nós, pois tem por fim problemas a se resolverem, princípios a se discutirem, fins a colimarem, todos tendendo o benefício comum.¹¹

Há, ainda, uma série de eixos e nexos a serem desbravados no estudo da imprensa socialista em Minas Gerais. Esperamos ter contribuído com a indicação de possíveis caminhos para a descoberta de passagens perdidas nas dobras da nossa História.

Notas |

1. Citado por PENNA, Lincoln de Abreu. *Imprensa e política no Brasil: a militância jornalística do proletariado*. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2007, “Apresentação”.

2. Método do pedagogo francês Jean-Joseph Jacotot (1770 – 1840).

3. *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, nº 1, 01/08/1845. Citado por GALLO, Ivone. O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX, 2008. *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP – USP. São Paulo, set/2008. CD-ROM.

4. O levantamento está disponível em NEVES, José Teixeira. *Periódicos Mineiros na Biblioteca Nacional*. *Anais da Biblioteca Nacional*, volume 117 (1997), Rio de Janeiro: A Biblioteca (volume publicado em 2000), pp. 80-309.

5. PENNA. *Imprensa e política no Brasil*, apresentação.

6. Verificamos a existência de um exemplar sob a guarda da Biblioteca Nacional - Ano 3, n. 50 (3 de junho de 1888). Catálogo de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional.

7. *O Socialista*, nº 2, 13/08/1894 – Ouro Preto, p. 2-3.

8. *O Socialista*, nº 2, 13/08/1894 – Ouro Preto, p. 1.

9. *O Socialista*, nº 2, 13/08/1894 – Ouro Preto, p. 2.

10. *O Socialista*, nº 2, 13/08/1894 – Ouro Preto, p. 2.

11. *O Trabalho*, nº 36, 15/08/1906. Citado por CARVALHO, Carlos Henrique de *et al.* *Imprensa e Educação: uma relação possível (A análise dos jornais patenses entre 1905/1942)*. *Perquirere*. Revista Eletrônica do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão e da Pós-Graduação do Centro Universitário de Patos de Minas, 2005.

Raquel Aparecida Pereira é historiadora, mestre em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007). Possui experiência com processamento técnico de acervos documentais, pesquisa arquivística, elaboração e análise de projetos culturais. Foi responsável pelo acompanhamento de projetos culturais fomentados pelo Programa Monumenta/MinC. Atualmente, ocupa o cargo de analista em ciência e tecnologia da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Capes-MEC.

Folha de rosto

Detalhe de um documento da Coleção Casa dos Contos sendo digitalizado em *scanner*. Arquivo Público Mineiro – Diretoria de Conservação de Documentos.

Expediente

Aspecto da área de guarda do acervo da Seção Colonial no Arquivo Público Mineiro em 1922. Fotografia de autor desconhecido. Arquivo Público Mineiro – 3 - 001 – (06).

Sumário

Detalhe das instruções para colocação de microfimes em *scanner* de digitalização. Arquivo Público Mineiro – equipamento da Diretoria de Conservação de Documentos.

Editorial

Detalhe do armazenamento de microfimes na área de guarda do Arquivo Público Mineiro.

Entrevista Russell-Wood

Fotografia de Marcelo Bessa - Idas Brasil. Acervo Revista de História da Biblioteca Nacional.

Capa e contracapa do Dossiê

Cabos do *switch* de distribuição dos pontos de rede de circulação de dados do Arquivo Público Mineiro.

Páginas 22 e 23

Processos judiciais dos fóruns de Itapecerica e Conselheiro Lafaiete, higienizados e organizados. *Projeto Fórum Documenta*, São João del-Rei, MG.

Páginas 36 e 37

Cópia microfilmada da capa do volume 1 do códice 5 dos *Autos de Devassa da Inconfidência*. Anotação do escrivão bacharel José Caetano Cesar Manitti, ouvidor-geral e corregedor da Comarca de Sabará. Minas Gerais, 1789. Arquivo Nacional, RJ.

Páginas 50 e 51

Leitura coletiva de um jornal no Brasil dos anos 1820. Johann Moritz Rugendas (Augsburgo, 1802 – Wilhelm, 1858). *Junta à Fernambouc (sic)*. In: RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998. 3a série; v. 8. (Coleção Reconquista do Brasil)

Páginas 66 e 67

Interior da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em 2005. Prédio projetado por Francisco M. de Souza Aguiar, inaugurado em 1910. Fotografia de Cláudio de Carvalho Xavier. Fundação Biblioteca Nacional.

Páginas 80 e 81

Edifício sede do Arquivo Nacional da Torre do Tombo na Cidade Universitária, Lisboa, Portugal. Projeto dos arquitetos Arsênio Cordeiro e Antônio Barreiros, obra concluída em 1990. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Páginas 94 e 95

Uniforme dos desembargadores no primeiro reinado. In: MILLIET, Sérgio; MORAIS, Rubens Borba de. *O Brasil de Debret* Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas Ltda., 1993. v. 2: Coleção Imagens do Brasil.

Páginas 110 e 111

Floresta virgem, perto de Mariana, desenho de Hermann Burmeister (Strallsund, Alemanha, 1807 – Buenos Aires, Alemanha, 1892). In: BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1952.

Páginas 128 e 129

Rolos de microfimes digitalizados e armazenados na área de guarda do Arquivo Público Mineiro.

Páginas 136 e 137

Página inicial do *site* do Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro, lançado em outubro de 2007. www.siaapm.cultura.mg.gov.br.

Páginas 150 e 151

Última página, com o expediente, do jornal *O Socialista*, órgão do Centro Socialista Mineiro. Ouro Preto, ano 1 - nº 2, 13 de agosto de 1894. Acervo da Hemeroteca Histórica, divisão da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais.

Agradecimentos

Arquivo Nacional
Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Lisboa
Arquivo Público Municipal Olímpio Michael Gonzaga / Paracatu (MG)
Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa / Hemeroteca Histórica
Família Carneiro de Mendonça
Fundação Biblioteca Nacional
Museu Mineiro
Projeto Fórum Documenta / Universidade Federal de São João del-Rei

A **RAPM** agradece a todas as instituições que autorizaram, gentilmente, a reprodução das fotografias deste número. Envidaram-se todos os esforços para reconhecer e contatar a fonte e o detentor dos direitos de *copyright* de todas as fotografias. Desculpamo-nos por quaisquer erros ou omissões involuntárias, que poderão ser retificados, em forma de errata, nos volumes futuros desta revista.

O conteúdo dos artigos e ensaios publicados na **RAPM** é de inteira responsabilidade dos autores – Coordenação Editorial.

Selo da empresa Leuzinger Irmãos & Cia., fabricante de livros de escrituração com loja de papéis e objetos de escritório. Rio de Janeiro, c. 1893. Livro *Matricula dos Imigrantes e Entrados*, Hospedaria Juiz de Fora, 1894. Arquivo Público Mineiro, Fundo Secretaria de Agricultura – SA – 867.

